

EAD:
Experimental
Adaptar
Diversificar

A experiência de estágio em forma remota

Lídia de Souza Cavalcante

Eu sou Dida, como sou mais conhecida. Estou me formando na licenciatura em Biologia, sou vegetariana, cantora enferrujada que ama canto lírico, gosto muito de herpetologia e comportamento animal, tenho dois cachorros e nove gatos. Eu adoro ler, em especial literatura russa. Sou apaixonada por conhecer novas culturas, novos idiomas e culinárias. Meu maior desejo é unir literatura, música e ciências e fazer as pessoas enxergarem o quão incrível essas áreas são.

08

Então chegamos ao tão aguardado fim de curso, e com ele o tão temido estágio no Ensino Médio... Mas aí, pandemia. Tudo parou, ninguém sabia como a UFRN iria dar continuidade às aulas, uma loucura. Alguns meses de espera e tudo “volta”, de acordo com “o novo normal”, como tanta gente denominou esse período que estamos vivendo. E a pergunta que surgiu com a volta às aulas em formato remoto: como fica o estágio? Como a UFRN vai colocar a gente pra estagiar se todas as escolas também suspenderam as aulas? E aí entram os super professores (das disciplinas e das escolas), nos possibilitando algumas alternativas para driblar a dificuldade de fazer essas disciplinas acontecerem.

Claro que isso é apenas uma introdução bem resumida de tudo o que significou realizar o estágio dentro desse período histórico. Estamos imersos numa situação que a maioria das pessoas (ou quase todo mundo, sendo mais sincera) não estavam preparadas para vivenciar. É um período marcante para a história, para as ciências, e claro, para os professores e alunos. O receio de dar aulas ao Ensino Médio - com alunos com idades relativamente mais próximas à nossa, de alturas que já ultrapassam as nossas, já era alto e se tornou ainda maior com esse novo formato. O que haveríamos de fazer? Como alcançar os alunos de forma não-presencial?

Sorte a nossa, temos professores incríveis e a tecnologia a nosso favor, né? Com a ajuda dos professores responsáveis pelas turmas dos estágios, as coisas começaram a sair da área de planejamento e foram tomando forma. Aline e os demais professores entraram em contato com professores de algumas poucas

escolas em Natal e outras cidades do RN que estavam realizando alguma atividade durante esse período e assim pudemos ter um supervisor e uma escola para realizar o proposto para a disciplina de forma remota. Acredito que nunca antes a tecnologia se fez tão presente no ensino como durante esse momento. *Google Meet*, *WhatsApp*, *Instagram*, *YouTube*, ferramentas que nem sempre eram utilizadas formalmente, hoje se tornaram os principais recursos didáticos. O ser professor, mais uma vez, sendo reinventado, atualizado, para caber em mais um meio de alcançar os alunos e facilitar o acesso à educação.

Nos foram oferecidas algumas alternativas para driblar esse momento, e, no meu caso e da minha dupla, pudemos escolher e ser muito bem recebidas. O local que estagiamos oferece cursos técnicos integrados para alunos do Ensino Médio. O professor supervisor tem um canal sobre ciências no *YouTube* e já vinha fazendo vídeos desde o início da pandemia para os alunos da escola, e sua proposta foi que o ajudássemos a construir o roteiro de algumas de suas aulas para o canal. O supervisor é uma pessoa maravilhosa, super ávido pela ciência no geral, extremamente criativo e que nos auxiliou imensamente não só como supervisor do estágio, mas como um verdadeiro professor, nos ensinando, nos dando dicas, nos instigando a “botar a cabeça pra funcionar” e buscando nossas melhores ideias. Fazer vídeos para a internet, ser um “*youtuber*”, ainda mais que trate de ciência, não é uma tarefa fácil. É trabalhoso, exige muito tempo, pesquisa, estudo e um roteiro muito bem construído, além do tempo de filmagem e edição. Ter um supervisor que nos entendesse, que nos ajudasse e estimulasse foi, sem dúvi-

da, algo que fez total diferença para que a gente não perdesse a cabeça e conseguisse dar continuidade ao estágio. Embora nós não tenhamos tido um contato direto com os alunos, nós recebemos feedback dos vídeos que ajudamos a montar e das atividades que propomos através do professor e foi muito gratificante saber que os nossos vídeos estavam sendo muito elogiados e assistidos. As respostas dos alunos às atividades também puderam nos dar “um gostinho” do que seria estar mais próximo deles e receber um retorno de um conteúdo que foi “ministrado”. Para o planejamento e discussão dos roteiros, nós nos reuníamos através do *WhatsApp*, sempre que tínhamos dúvidas, propostas, ou para marcar uma reunião síncrona pelo *Google Meet*. Essas reuniões foram sempre muito produtivas, pois mesmo quando estávamos bem perdidas, recebíamos um norte que nos ajudava a nos organizarmos melhor e prosseguir com o trabalho. Utilizamos, além das ferramentas que tínhamos da internet, os bons amigos livros, para ter uma base teórica mais completa do conteúdo.

O mais irônico para mim é que antes eu tinha medo da interação com os alunos, medo deles não gostarem de mim, medo de não dar conta das aulas, medo de não saber lidar com as perguntas, com as críticas, com a bagunça...e quando recebemos a notícia de que seria tudo virtual, meu medo se tornou justamente o oposto: a falta de interação. E isso foi o que de fato foi mais difícil durante todo o semestre: a falta do contato presencial com os alunos, o “olho no olho”, a interação física. Afinal, como perceber se os alunos de fato compreenderam o conteúdo se eu não estou lá para prestar atenção nas reações, no olhar, na conversa? É certo que podemos fazer atividades, receber as res-

postas escritas, mas grande parte da avaliação e da nossa percepção em sala de aula, especialmente sobre o aprendizado e a vivência do aluno (de modo geral) está nesse contato presencial. Mas, como disse antes, o “ser professor” tem muito disso, né? Se adaptar e se reinventar sempre. E, ao enfrentar uma pandemia, mais uma vez fomos moldados como futuros docentes. A proposta de trabalhar com um canal do *YouTube*, para mim, já foi algo extremamente além de tudo que imaginava enfrentar no estágio do Ensino Médio.

Desde muito cedo eu lembro de querer ser professora. Na verdade, meu sonho de infância eram quatro profissões em conjunto: professora, cientista, cantora e arqueóloga. Ainda lembro de brincar de descobrir fósseis (que eram as muitas pedras do jardim de vovó), de fazer shows, inventar músicas, de preencher folhas e mais folhas de “descobertas científicas”, e, principalmente, de “dar aulas” para alunos imaginários, riscando todas as paredes da casa com giz de cera, para o desespero da minha mãe. Infelizmente - ou felizmente, depende do ponto de vista - as paredes foram pintadas e repintadas ao longo dos anos, o que apagou meus primeiros vestígios de professora, apesar de a porta da cozinha ainda conter os meus rabiscos iniciais de quando aprendi a escrever. Bem, sobre as profissões que queria ter: realizei, ou melhor, estou realizando quase todas elas, com exceção (mas nem tanto assim, se pensar que durante o curso também estudamos geologia e paleontologia) da arqueologia. Já estudei canto lírico e, embora não esteja praticando no momento, pretendo voltar; estou dentro da biologia e já realizei pesquisa (e pretendo, se possível, continuar), e finalmente estou me formando

como licenciada. Jamais poderia imaginar que meus desejos infantis fossem se tornar realidade ao longo do tempo.

Minha mãe é professora e, apesar de todas as inúmeras dificuldades que já a vi enfrentar ao longo dos anos, ainda sim não desanimei e escolhi a licenciatura. Ouvi muitas críticas, gente dizendo que eu iria “passar fome” ou até mesmo que eu não teria emprego, mas ao longo do curso e das experiências, eu só pude ter certeza que escolhi corretamente. Durante minha vida, além da minha mãe, tive ótimas referências de professores, apesar de algumas exceções. Essas pessoas foram grandes pilares que contribuíram com minha formação, não só no sentido acadêmico, mas no sentido mais amplo do que é ser professor.

Estar em “sala de aula” (e aqui me refiro com aspas, pois não é necessariamente uma sala de fato que é sala de aula, mas qualquer espaço que nós, como docentes, podemos aproveitar para ser nossa sala de aula) é sempre desafiador. O medo, o nervosismo, a sensação de não se achar bom o suficiente, e tantas outras sensações, que parecem ser ainda maiores quando somos apenas estagiários. Mas uma vez que recebemos o retorno, mesmo que seja de um aluno apenas, tudo aquilo passa num estalar de dedos. A gratidão, a sensação de dever cumprido, é gritante. Eu acho que essa sensação, de saber que você marcou minimamente alguém, que compartilhou algo que você sabia ali, é a melhor sensação em relação à prática docente, algo que está muito além de salários baixos e todas as demais dificuldades que conhecemos bem dentro dessa profissão. E é claro que como profissionais e como cidadãos, nós devemos lutar sempre por melhorias, não

só por nós, mas pelos alunos e pelo ensino em si, mas só o fato de poder estar presente como um agente de troca de conhecimentos, já é algo muito gratificante. Até hoje eu lembro com muito carinho de cada professor e professora que mais gostei, desde o jardim de infância, e o que eu sempre penso é que espero poder ser uma dessas pessoas na vida de meus alunos. Nem que seja só de um. E, em relação a esse sentimento, esse semestre foi muito difícil nesse sentido, de não poder ter essa sensação através do contato direto com os estudantes.

Apesar disso, acredito que estagiar nessa situação de pandemia e ter que “se virar” para “o novo normal” também me tornaram “menos despreparada” em relação a precisar lidar com uma adversidade tão grande, seja ela pandemia ou não. Às vezes, a gente se acostuma tanto com uma situação que não nos preparamos para imprevistos. Durante a graduação, nós nos habituamos a lidar com algo que só vemos na teoria, de forma idealizada, e acabamos indo despreparados para situações que são “corriqueiras” em certos contextos sociais e físicos mas que nunca vivenciamos. Nossa visão academicista é, muitas vezes, um fator limitante para a vida real. Esse período de pandemia talvez sirva para sairmos um pouco da nossa bolha, pensar “fora da caixa” que vivemos e tentar propor soluções, experimentar novas vivências, mesmo que de forma não presencial.

Por fim, gostaria de destacar mais uma vez a atuação da professora responsável por ministrar a disciplina, a professora Aline de Moura Mattos. O conteúdo que a professora escolheu durante nosso período de aulas e a variedade de formas como esse foi ministrado foi de extrema importância, não só para o cumprimen-

to dessa disciplina e do estágio nesse formato tão difícil, mas foi ainda mais importante para mim como profissional e ser humano. Discussões sobre diversos assuntos pertinentes que são invisibilizados durante nossa formação acadêmica me fizeram crescer e me prepararam melhor para lidar com isso não só em sala de aula. Quem dera todos esses temas fossem discutidos em todas as disciplinas, principalmente nas da grade da licenciatura. Exercer a empatia, se colocar no lugar do outro, principalmente se estamos em posição privilegiada, seja ela qual for em relação a este, é imensamente importante para a formação de seres humanos capazes de se unir e lutar por um mundo mais justo e igualitário. E um professor sem esse senso, falha como profissional e como pessoa. A sala de aula é um universo, tanto aluno como professor são planetas e astros incrivelmente diversos e únicos dentro desta. Aprender a lidar, aceitar e principalmente incluir - no verdadeiro sentido desse termo- a TODOS dentro do ambiente escolar é o principal fator facilitador para tornar a educação acessível e segura a quem precisa dela.
